



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

ESPIRITUALIDADE INFANTIL: UMA ANÁLISE DA CEIA PARA CRIANÇAS NA IGREJA BATISTA

CHILDREN'S SPIRITUALITY: AN ANALYSIS OF SUPPER FOR CHILDREN IN THE BAPTIST CHURCH

Marinesia Lemos Souto¹

Laude Erandi Brandenburg²

Resumo:

O tema é um convite para pensar a participação da criança na ceia do Senhor. O objetivo é investigar como a participação de crianças na ceia pode contribuir para o desenvolvimento da espiritualidade infantil. A investigação foi realizada especialmente sob o parâmetro da educação cristã e da psicologia da criança. A metodologia adotada é qualitativa e bibliográfica. Buscou-se demonstrar que a celebração da ceia é um método deixado pelo mestre Jesus que tem grande poder de desenvolver a espiritualidade infantil com vistas a relacionamentos de confiança, gratidão, amor e intimidade com Deus.

Palavras-chave: Espiritualidade. Infância. Ceia do Senhor. Educação. Psicologia.

Abstract:

The theme is an invitation to think about the child's participation in the Lord's Supper. The objective is to investigate how the participation of children in supper can contribute to the development of children's spirituality. The investigation was carried out especially under the parameter of Christian education and child psychology. The methodology adopted is qualitative and bibliographic. It was sought to demonstrate that the celebration of supper is a method left by Jesus, which has great power to develop children's spirituality with a view to relationships of trust, gratitude, love and intimacy with God.

Keywords: Spirituality. Infancy. Lord's Supper. Education. Psychology.

¹ Marinesia Lemos Souto é Mestranda em Teologia na Faculdade Est (São Leopoldo), bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de Brasília, bacharel em direito, bacharel em administração. marinesialemossouto@gmail.com

² Laude Erandi Brandenburg, Doutora em Teologia, docente dos Programas de Pós-Graduação da Faculdades EST de São Leopoldo/RS.

Introdução

Não há na bíblia nenhum texto que expressamente proíba a participação de crianças na ceia. Esse texto busca analisar a ceia para crianças a partir de uma perspectiva especialmente educativa e psicológica dessa ordenança na igreja batista. Para as crianças, no ambiente da igreja batista, a ceia era sempre um momento de curiosidade. Tal qual as pessoas adultas, elas querem beber um pouco do suco e comer um pedaço do pão. Observavam com curiosidade a solenidade. Quando expressavam o desejo, a resposta era: isso não é coisa de criança. Quando alguma pessoa adulta menos rigorosa permitia tomar o suco que ficava nas taças, era uma festa. Não era fome, nem era gostoso, era curiosidade, a participação e a inclusão que transformavam aquele momento em algo tão especial. Hoje, na igreja batista, continuam presentes os rostos curiosos olhando para cima querendo entender aquele estranho e repetido momento. A resposta não mudou: isso não é coisa de criança. Será que essa curiosidade não é um indício de que o Criador quis que as crianças fossem incluídas nesse momento tão especial?

Questiona-se mais: por que não é coisa de criança? As crianças não estão incluídas na obra redentora ressaltada em Lucas 22.19 e I Co. 11. 24 “Isso é o meu corpo que é dado por vos?”³ A ordenança “fazer isso em memória de mim”, informada pelo próprio Jesus quando institui o memorial é somente para pessoas adultas? Por quê? As crianças não têm condições de compreender o memorial? Será que o objetivo é a imediata compreensão do memorial ou é a formação de memórias que formam identidades? Essas questões conduzem a seguinte questão: como a participação de crianças na ceia pode contribuir para o desenvolvimento da espiritualidade da criança nas igrejas batistas?

A análise, apesar de pontualmente ressaltar aspectos bíblico-teológicos, terá como linha argumentativa a questão relativa ao processo educativo, psicológico e as luzes que lançam sobre a questão. O objetivo não é oferecer respostas, é oferecer argumentos, perguntas, instigar a curiosidade investigativa da pessoa leitora para que a igreja desfrute de maneira eficiente o memorial que Jesus instituiu com o propósito de ensinar e desenvolver a espiritualidade das crianças.

A partir de uma pesquisa bibliográfica, a análise partiu, inicialmente, em busca do objetivo da ceia na bíblia e na igreja batista. Em seguida, foi analisada a espiritualidade infantil a partir da teoria dos estágios da fé desenvolvida por James Fowler. Em terceiro lugar, foram analisados dois

³ *Bíblia Shedd*. São Paulo: Nova Vida; Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil. 1997.p. 1621

aspectos relevantes para o ensino: curiosidade e memória, que relacionam o que é a ceia e a espiritualidade da criança. Por fim, foi analisado o papel da brincadeira para o desenvolvimento infantil a partir de Vygotsky.

CONCEPÇÕES BÍBLICAS: OBJETIVO E NATUREZA

A primeira questão a ser respondida é: qual o propósito bíblico desse cerimonial estabelecido pelo próprio Jesus? Os textos nos evangelhos que relatam a celebração da ceia de Jesus e seus discípulos são: Mateus 26.26; Marcos 14.22; Lucas 22. 19. Os textos ressaltam o objetivo de desenvolver nos discípulos o sentimento de pertencimento, de identidade e participação na missão. Lucas 22.19 resalta um método: repetir, lembrar, reviver. Os objetivos se complementam. Pela memória, pela repetição Cristo vai sendo testemunhado em seu povo.

Em I Coríntios 11. 24, 25 “faze isto em memória de mim” (o que rememorar); v. 26 “todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor...” (objetivo); v. 28 “Examine-se, pois, o homem a si mesmo...” (processo racional). O quadro resumo resalta os vários aspectos destacados nos textos bíblicos.

Quadro 1

Ceia do Senhor – Uma aula		
“Tomai comei, isso é o meu corpo”	Mateus 26.26; Marcos 14.22; 1 Coríntios 11. 24.	Objetivo: Identidade - formação de Cristo em nós
“Meu sangue, [...], para remissão”	Mateus 26.26 e Marcos 14. 22.	Identidade: missão
“...é dado por vós”; “é derramado por vós”; “derramado por muitos”	Lucas 22.19,20; Mateus 26.28; Marcos 14.24.	Inclusão: alvos da graça
“Fazei isso em memória de mim”	Lucas 22.19; 1 Coríntios 11.24.	Método: manter viva a memória da ação redentora; reviver e formar identidade
“Todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor”	1 Coríntios 11. 26	Objetivo: participação: anunciar a ação de Cristo
“Examine-se”	1 Coríntios 11. 28	Processo consciente de ensino

Fonte: Marinesia Lemos Souto

Os objetivos da ceia podem ser resumidos:

1. Formar identidade com Cristo e com a missão;
2. Inclusão e participação
3. Ser um método que mantém viva a memória da obra salvadora de Cristo;
4. Ser um processo participativo e consciente.

CEIA NA IGREJA BATISTA

À luz dessa observação dos textos bíblicos, passa-se a analisar os documentos doutrinários da Convenção Batista Brasileira em busca do entendimento sobre o tema. A ceia, para os batistas, é uma ordenança, ou seja, é uma ordem direta do Senhor da Igreja, com natureza simbólica, propósito memorial, comemorativo, proclamador e deve conduzir a pessoa participante à autoanálise, à avaliação, a ações de graças e ao crescimento espiritual. Além disso é um evento comunitário, relacional e contínuo, “até que ele venha.”⁴

A ceia do Senhor é uma cerimônia da igreja reunida, **comemorativa e proclamadora** da morte do Senhor Jesus Cristo, **simbolizada** por meio dos elementos utilizados: O pão e o vinho. Nesse memorial o pão **representa** seu corpo dado por nós no Calvário e o vinho **simboliza** o seu sangue derramado. A ceia do Senhor deve ser celebrada pelas igrejas até a volta de Cristo e sua celebração pressupõe o batismo bíblico e o cuidadoso exame íntimo dos participantes.⁵(grifo nosso)

Esses aspectos que definem a ceia para os batistas levam a algumas conclusões sobre seu propósito maior. Sendo símbolo, lembrança, comemoração, caracterizam-se como meios de educação, de perpetuação dos ensinamentos. Nesse sentido, a ceia, como uma instituição com propósito ensinador, confirma o caráter educacional da igreja. Outro documento batista, “Os princípios Batistas”, destaca:

A ceia do Senhor, observada através dos símbolos do pão e do vinho, é um profundo esquadramento do coração, **uma grata lembrança** de Jesus Cristo e sua morte vicária na cruz, uma abençoada segurança de sua volta e uma jubilosa comunhão com o Cristo vivo e

⁴ *Bíblia Shedd*. São Paulo: Nova Vida; Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

⁵ SOUZA, Sócrates Oliveira de (org.). *Pacto e comunhão*: documentos batistas. Rio de Janeiro: Convicção, 2010, p.24. Disponível em: <http://www.convencaobatista.com.br/sig/modulos/site/comunicacao/uploads/documentoDownloadSite/11902061303042019113240.pdf>. Acesso em: 15/09/2022

seu povo. O batismo e a ceia [...]. São símbolos, mas sua observância envolve fé, exame de consciência, discernimento, confissão, gratidão, comunhão e culto.⁶

Os aspectos destacados que envolvem realidades espirituais, fé, exame de consciência, discernimentos, confissão e culto podem, aparentemente, oferecer justificativa plausível para que crianças não participem. Se, no entanto, reconhecermos que a ceia é um culto que tem entre seus objetivos reviver a história da salvação, deve-se igualmente perceber seu propósito de afetar espiritualmente e educativamente a pessoa cristã em todas as idades e estágios de maturidade cristã e conduzir ao crescimento espiritual. Por esse motivo a nova pessoa crente participa da ceia mesmo que não possua o conhecimento necessário para compreender todas as implicações do memorial. Nesse sentido, segundo Souza,

O corpus doutrinário batista expressa a consciência de que a Ceia do Senhor é muito mais que um mero símbolo. Se há algum ato de culto que contém em sua essência a realidade sobre o que é ser Igreja, é a Ceia do Senhor. Nela está contido o DNA da Igreja Cristã abrangendo todos os aspectos necessários para sua saúde.⁷

A ceia é, portanto, um momento de culto. White, analisando o culto cristão e voltando aos tempos do ofício na sinagoga destaca o papel desse ofício na vida de Israel.

Sobrevivência para os israelitas, significava a capacidade de lembrar as ações do Deus que os haviam transformado num povo distinto. E a melhor maneira de recordar era – assim se evidenciou – por meio de instrução e oração em conjunto. [...] Israel conseguiu sobreviver através do culto quando incontáveis outros reinos foram arrasados pela espada. É o poder de recordar...⁸

Foi, portanto o culto sinagoga, a memória renovada em comunidade, que renovou na nação israelita a esperança e possibilitou a sobrevivência da nação. Nesse sentido o culto da ceia constituiu-se como um momento contínuo de culto com o objetivo de gerar esperança, alegria da salvação, maturidade no relacionamento com Deus e aprendizado. A partir desse rememorar, o caráter de Cristo vai se formando no seu povo. Não há dúvida entre os batistas de que o culto é um momento para a criança, por que o culto da ceia seria diferente? Não há dúvida de que as crianças devem ser evangelizadas. Por que não participa do culto que renova a memória do sacrifício de Cristo?

⁶ SOUZA, 2010, p. 23.

⁷ SOUZA, Felipe Diniz Pires de. *O Documento de Lima e a Teologia Batista em diálogo: por uma valorização da Ceia do Senhor*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2016, p. 54.

⁸ WHITE, James F. *Introdução ao culto cristão*. São Leopoldo: Sinodal, 1997, p. 112.

“Os batistas não batizam crianças que ainda não estejam em condições de sentir a fé salvadora pessoal.”⁹ Qual a idade em que a criança está em condições? Com que idade a criança tem condições de participar do culto e aprender e desenvolver-se espiritualmente? A criança pode refletir sobre o simbolismo da ceia? Para tratar desse tema tomaremos como base a pesquisa realizada por James W. Fowler sobre os estágios da fé.

A ESPIRITUALIDADE DA CRIANÇA

Para analisar a espiritualidade ou o relacionamento da criança com Deus, pode-se buscar na história de Israel a orientação divina para formação da vida da pessoa com Deus. Em Deuteronômio 6, Israel recebe a ordem de ensinar o filho “Deus é o único”. O Texto de Deuteronômio ressalta quando deve começar a vida espiritual do indivíduo: na infância. Para tal, ressalta lugar, tempo, método e símbolos que deveriam ser usados para lembrar, para educar. O ensino deveria ser dirigido à criança em todo lugar e a todo tempo. O texto destaca o propósito “inculcar “ou seja ensinar diligentemente, internalizar na criança o relacionamento com seu Deus. Disso pode-se concluir que a espiritualidade inicia na mais terra idade, como conclui Fowler, desde bebê.¹⁰

O verso 12 ressalta “não esqueça” e o verso 20 e 21 destacam “Quando teu filho, no futuro, te perguntar (curiosidade), dizendo: Que significam os testemunhos e estatutos...Então dirás (atenção à curiosidade) a teu filho: Éramos servos de Faraó...”.¹¹ As narrativas das vivências de Israel com Deus deveriam ser relatadas para as crianças. A memória coletiva de eventos importantes para a identidade do povo, mesmo que não vivenciados pessoalmente, deveria ser mantida. A curiosidade deveria ser valorizada, instigada e atendida com o propósito de fazer a criança ter sentimentos, gerados por essas memórias, de amor, confiança, obediência a Deus.

Pode-se, ainda, inferir, a partir do texto, que a relação dos filhos e das filhas com o Deus de Israel seria desenvolvida por meio, entre outros, do ensino falado e exemplificado na vida dos pais. As experiências a serem vividas diariamente com Deus deveriam ser iluminadas pelo ensino, pela memória comunitária dos feitos desse Deus, único em favor de seu povo. Outra conclusão a que se pode chegar a partir do texto de Deuteronômio 6, que manda ensinar aos filhos, é que esses filhos,

⁹ SOUZA, 2010, p. 116.

¹⁰ FOWLER, James W. *Estágios de Fé. A psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1992, p. 106.

¹¹ *Bíblia Shedd*. São Paulo: Nova Vida; Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

essas crianças podem aprender de Deus e se relacionar com Ele. Pode-se concluir que a espiritualidade está presente desde a infância.

Segundo Fowler, a peregrinação da fé inicia no bebê. Lembra que as experiências da criança com a mãe e outros que lhe propiciam conforto e bem-estar desenvolvem os primeiros sentimentos de fé, em sentido geral. Tudo que é vivenciado nesse momento de “fé indiferenciada” “estão subjacentes a (ou ameaçam solapar) tudo que virá mais tarde no desenvolvimento da fé.”¹² A fé da criança é desenvolvida a partir de seus relacionamentos mais iniciais. “Como ocorre no desenvolvimento da linguagem, o desenvolvimento da espiritualidade também passa por fases comunitárias, caracterizadas pelas interações e pela imitação, rumo a uma experiência mais autônoma.”¹³

A criança que cresce em um contexto religioso, cercada de tradições, leituras e orações, a princípio apenas reflete como espelho, imitando gestos e falas. No entanto, em algum momento ela desperta para o significado das palavras que repetiu, do gesto usado em determinado momento, e para as respostas, muitas vezes automatizadas.¹⁴

Pode-se concluir que as percepções, as conclusões, o entendimento e a maturidade espiritual são resultados de um processo iniciado no principiar da vida. Não se espera que a criança se torne adulta para propiciar-lhe as experiências que a conduziram a uma fé firme e a maturidade espiritual. Assim como não se espera que o novo crente, criança espiritual, aprende mais para poder participar da ceia. Esses momentos iniciais de desenvolvimento de fé observados por Fowler ressaltam, também, a grande responsabilidade da família e da igreja no desenvolvimento espiritual da criança.

Creio que estão corretos aqueles observadores que afirmam que nossas primeiras pré-imagens de Deus originam-se aqui (quando bebê). Particularmente, elas se compõem de nossas primeiras experiências de mutualidade, [...]. No pré-estágio denominado fé indiferenciada, [...] a qualidade de mutualidade e a força da confiança, autonomia, esperança e coragem (ou seus opostos) desenvolvidas nesta fase estão subjacentes a (ou ameaçam solapar) tudo que virá mais tarde no desenvolvimento da fé.¹⁵

¹² FOWLER, 1992, p. 16.

¹³ MEIRA, Vanessa. Oração, linguagem e pensamento: o desenvolvimento da religiosidade infantil. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*. Vol. 10, n. 18, jul./dez, 2016, p. 239. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleiteo/article/view/29217/21653>. Acesso em: 12/10/2022.

¹⁴ MEIRA, 2016, p. 236.

¹⁵ FOWLER, 1992, p. 106.

Esse é o período que Fowler chama de fé indiferenciada. Não contando como um dos estágios observados em suas pesquisas por meio de entrevistas. O primeiro estágio observado compreende crianças dos três aos sete anos. Nessa fase, segundo Fowler, estão presentes a fantasia e a imitação. Sendo, portanto, um momento em que a criança pode “de modo poderoso e permanente (ser influenciada) por exemplos, temperamentos, ações e histórias da fé visível dos adultos[...].”¹⁶

A vida de imaginação e fantasia da criança pode ser explorada por adultos, intencionalmente ou não. Para cada criança cujos outros significativos compartilham histórias, imagens e símbolos religiosos de formas que abrem para a vida e sustentam amor, fé e coragem, deve haver pelo menos uma outra para a qual a introdução à religião, conquanto igualmente poderosa, fez surgir medo, rigidez e brutalização das almas - da própria criança e as de outros.¹⁷

Nesse estágio a imaginação e a fantasia são fortes, dessa forma a criança não tem dificuldades em relacionar-se com um Deus incorpóreo. Ela não precisa ver Deus para crer em sua existência. Além disso, os símbolos religiosos podem ser percebidos, assimilados, e, posteriormente, ter sua compreensão amadurecida. A partir desse desenvolvimento gradual sentimentos vão se desenvolvendo na criança em relação a Deus e à igreja. A ceia é um símbolo, uma memória que deve começar a ser compartilhada com a criança para desenvolvimento de amor, esperança, segurança, fé e intimidade com Deus.

O segundo estágio de fé observado é aquele em que “a pessoa começa a assumir para si as histórias, crenças e observâncias que simbolizam pertença à sua comunidade”¹⁸ e

O grande dom para a consciência que surge neste estágio é a capacidade de narrar a própria experiência. No tocante ao nosso interesse primário na fé, podemos dizer que o desenvolvimento do estágio mítico-literal traz consigo a capacidade de ligar nossas experiências, formando sentido, por intermédio de histórias.¹⁹

Nesse momento da vida espiritual das crianças, os símbolos e as imagens não são mais dos pais. Agora as verdades carregadas nesses símbolos passam a ser suas verdades. A criança começa a perceber-se como parte da comunidade de fé e ser capaz de inserir-se nas histórias de fé do povo de Deus.

¹⁶ FOWLER, 1992, p 116.

¹⁷ FOWLER, 1992, p. 116.

¹⁸ FOWLER, 1992, p. 128

¹⁹ FOWLER, 1992, p. 118.

Os próximos estágios abordados por Fowler trabalham com a pessoa adolescente e a pessoa adulta, não abordadas nessa análise. Esse relato dos estágios de fé da criança observados e relatados por Fowler permite concluir algumas importantes questões para a análise proposta: a espiritualidade da criança é construída a partir de seus momentos iniciais de vida; essa construção da fé está profundamente relacionada aos sentimentos de confiança desenvolvidos pelas pessoas que cuidam da criança e são definidores da fé e espiritualidade infantil. A espiritualidade, portanto, começa sem a consciência de Deus; a criança entre 3 (três) e 7(sete) anos é marcada pela imaginação e fantasia, dessa forma não há dificuldade para essa criança relacionar-se com um Deus imaterial. Essa dificuldade é das pessoas adultas. Os símbolos são importantes para a criança no primeiro estágio de fé. Não há, portanto, dificuldade de entender o simbolismo da ceia; no segundo estágio os símbolos, as histórias dessas pessoas importantes começam a fazer sentido e se tornar os símbolos e as histórias da criança. A criança começa a tomar como suas as narrativas da sua comunidade; a criança começa a sentir-se parte da comunidade de fé.

Esse processo desenhado por Fowler ajuda a compreender que as vivências da criança no momento certo vão gerando identidade de fé e espiritualidade. A espiritualidade infantil é um processo que valoriza o desenvolvimento da criança, que usa intencionalmente suas etapas de aprendizado. Nesse sentido, o momento de introduzir os símbolos é a partir do início da vida em comunidade. A resposta à questão que inicia esse tópico: a criança tem condições de participar do culto da ceia e de alcançar o propósito de aprendizado e desenvolvimento espiritual? A partir das definições bíblicas e definições batistas combinadas com as características da criança, a resposta é sim.

CURIOSIDADE E MEMÓRIA

Convém destacar outros dois importantes aspectos educacionais que estão intimamente relacionados com os propósitos destacados da celebração da ceia e a educação: curiosidade e memória.

O culto da ceia e do batismo despertam em crianças e pessoas adultas a curiosidade. A curiosidade é um elemento poderoso para a educação. Na bíblia encontra-se em vários momentos a expressão “quando teu filho perguntar...”²⁰ A pergunta era estimulada por costumes, rituais, símbolos, construções feitas com o objetivo de despertar a curiosidade e a pergunta. A resposta

²⁰ Êxodo 12. 26; 13.14; Deuteronômio 6.20; Josué 4.21.

deveria ser dada. A curiosidade deveria ser respondida e estimulada. A ceia tem esse efeito sobre a criança.

Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da autonomia* ressalta o importante papel da curiosidade na educação. Sem essa curiosidade não se aprende e não se ensina. A curiosidade é parte essencial do processo contínuo de ensino e aprendizagem. Além disto, destaca que a curiosidade é direito e, portanto, deve ser reconhecida e valorizada. Esse exercício da curiosidade, que começa com uma “curiosidade espontânea” estimulada vai construindo o saber prazerosamente e autônomo. “O exercício da curiosidade a faz mais criticamente curiosa, mais metodicamente ‘perseguidora’ do seu objetivo. Quanto mais a curiosidade espontânea se intensifica, mas, sobretudo, se ‘rigoriza’, tanto mais epistemológica ela vai se tornando.”²¹

O exercício da curiosidade vai construindo o conhecimento. Do conhecimento bruto para o conhecimento elaborado. Para que essa evolução do conhecimento ocorra é necessário entender que é resultado do exercício, do processo e do estímulo. Jesus deixou para sua igreja o memorial para despertar a pergunta, a curiosidade espontânea, para abrir os ouvidos e corações das crianças para o aprendizado. Nesse sentido a ceia deve sempre levar à curiosidade “examine-se o homem a si mesmo”. Perguntas devem ser feitas: o que é isso? o que significa? por que repetimos sempre? por que Jesus fez isso? eu posso participar? vai acontecer alguma coisa?

Carvalho falando da reação de crianças em museus e o potencial para o aprendizado ressalta.

As sensações de encantamento, estranhamento, espanto e curiosidade que sentimos diante das novidades e descobertas proporcionadas pelas experiências são condições favoráveis para despertar a imaginação. Essas sensações nos acompanham ao longo de toda a vida, mas a maior intensidade com que ocorrem se apresenta como uma especificidade de apreensão do mundo na infância. As novidades que provocam intensas emoções, arrebatadoras do olhar infantil, estimulam a imaginação e a fruição.²²

O encantamento do novo, do desconhecido, de tomar pela primeira vez o cálice. Solenemente participar, assim como as pessoas adultas, pela imitação é condição favorável para o aprendizado e o despertar de mais perguntas. Mas a curiosidade não respondida vai apagando a curiosidade infantil. A criança para de perguntar. Ela é tolhida em sua essência. Essa criança, quando adulta, vai participar da ceia, para ela a participação é permitida, mas pode ser uma

²¹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011, p. 76.

²² CARVALHO, Cristina; LOPES, Thamiris. O público infantil nos museus. *Educação & Realidade*, v. 41, p. 911-930, 2016.p. 913.

participação estéril. sem memórias, sem gratidão, sem alegria. As memórias coletivas essenciais para a identidade da comunidade cristã, são outro importante aspecto educativo no culto da ceia.

O memorial da ceia está cheio de ação educativa. Pollak ressalta que a memória é um fenômeno coletivo e que muitos elementos construídos coletivamente se alteram, no entanto observou que há algo de invariável relativo a certos fatos. Pollak destaca os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva. Primeiros, os acontecimentos vividos pessoalmente; segundo, as vivências coletivas, não necessariamente vividas pessoalmente, das quais o indivíduo se sente parte. Falando sobre a relevância dessas memórias coletivas, destaca:

Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada.²³

Essa memória coletiva tão definitivamente marcada na vida da pessoa é exatamente o que se busca com o culto da ceia. Busca-se que esse memorial seja tão poderosamente solidificado na memória da igreja de Cristo que se torne parte de sua identidade. É nesse sentido a manifestação de Pollak, que ressalta que em “alguns elementos o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças. Em certo sentido, determinado número de elementos torna-se realidade, passa, a fazer parte da própria essência da pessoa...”²⁴. Essa memória deve ser desenvolvida na vida de cada pessoa cristã, formando resultados, sentimentos pessoais e igualmente poderosos no desenvolvimento da formação de Cristo em nós.

Essas memórias advêm de eventos vividos pessoalmente, interpretações, lembranças dos sentimentos individuais, ou eventos vividos pela comunidade passam a integrar a vida da pessoa e sua identidade. Tal observação vem confirmar o fato de que a memória tem um propósito educativo e identitário. Nesse sentido, George define educação cristã “como um processo deliberado e intencional pelo qual Cristo é formado nas pessoas, visando a transformação, formação e crescimento da pessoa toda e da igreja em todo o tempo.”²⁵ Nesse sentido Jesus, que não faz parte do espaço-tempo no qual vivemos, torna-se parte da história dessas pessoas cristãs pela memória.

²³ POLLAK, 1992, p. 201.

²⁴ POLLAK, 1992, p. 201.

²⁵ GEORGE, Sherron K. *Igreja ensinadora: fundamentos Bíblico – Teológicos e Pedagógicos da educação cristã*. Campinas – SP: Editora Luz para o caminho. 199, p. 16

Além desses acontecimentos, a memória é constituída por pessoas, personagens. Aqui também podemos aplicar o mesmo esquema, falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens frequentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa.²⁶

A memória coletiva permite trazer para a história e identidade individual, não somente eventos, mas também, pessoas.

Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.²⁷

O que é a ceia senão um processo educacional que por meio da memória coletiva busca formar Cristo em sua igreja e definir a identidade de seu povo como cristãos e criar um “sentimento de continuidade”? A ceia, bíblicamente e para os batistas, um memorial que objetiva recordar continuamente Cristo e sua obra salvadora, sem a qual a igreja cristã deixa de existir. Mas, pode virar brincadeira.

E SE VIRAR BRINCADEIRA?

Vygotsky estudou o papel do brinquedo no desenvolvimento da criança e reconhece que “o papel que a criança representa e a relação dela como o objeto originar-se-ão sempre das regras.”²⁸ Portanto a criança, como observa o autor, quando brinca imitando a mãe observa as regras da maternidade. A brincadeira de imitar faz parte do crescimento da criança.

O primeiro paradoxo contido no brinquedo é que a criança opera com um significado alienado numa situação real. O segundo é que, no brinquedo, a criança segue o caminho do menor esforço - ela faz o que mais gosta de fazer, porque o brinquedo está unido ao prazer - e, ao mesmo tempo, ela aprende a seguir os caminhos mais difíceis, subordinando-se a regras e, por conseguinte, renunciando ao que ela quer, uma vez que a sujeição a regras e a renúncia à ação impulsiva constitui o caminho para o prazer no brinquedo.²⁹

²⁶ POLLAK, 1992, p. 202.

²⁷ POLLAK, 1992, p. 204.

²⁸ VYGOTSKI, L. S. *A Formação social da mente*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Ltda, 1991, p. 64.

²⁹ VYGOTSKI, 1991, p. 66.

A criança ao participar de uma brincadeira que imita a participação da ceia age em busca do prazer que vem da brincadeira e ao escolher esse prazer escolhe a difícil tarefa de seguir as regras do ato que escolhe imitar. Rodrigues ressaltando o pensamento de Vygotsky destaca,

a brincadeira é entendida como atividade social da criança, cuja natureza e origem específicas são elementos essenciais para a construção de sua personalidade e compreensão da realidade na qual se insere. Para este autor, o brincar é uma forma de comunicação, é por meio das brincadeiras que as crianças desenvolvem atos do seu dia a dia, seja ela com dramatizações que imitam o mundo dos adultos, jogos, o faz de conta, com palavras, ou seja, não importa o tipo da brincadeira, a criança sempre vai estar adquirindo habilidades criativas, sociais, intelectuais e físicas.³⁰

Virar brincadeira não significa falta de seriedade, ao contrário, significa prazer no que faz. Se virar brincadeira, os objetivos de ensinar e gerar identificação se concretizarão. A criança está imitando, repetindo, compreendendo e desenvolvendo sua espiritualidade. E se virar brincadeira? A resposta é: esperamos que vire brincadeira a ser repetida em casa, na igreja, com os amigos, sempre lembrando o amor de Cristo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo analisar como a participação de crianças na ceia pode contribuir para a espiritualidade da criança nas igrejas batistas e conseqüentemente a espiritualidade das pessoas cristãs. A análise foi realizada especialmente sob o parâmetro educacional e psicológico.

Nesse propósito, levantou-se por meio de pesquisa bibliográfica, a concepção da ceia na bíblia e na igreja batista. Em seguida analisou-se a espiritualidade infantil a partir de uma perspectiva bíblica e da teoria dos estágios da fé desenvolvida por James Fowler. Por fim, a partir dessas perspectivas iniciais do objetivo da ceia e da espiritualidade infantil analisou-se a participação da criança na ceia sob aspectos educacionais, curiosidade, memória e brincadeira, que relacionam a ceia e a espiritualidade da criança com vistas ao desenvolvimento espiritual e a uma fé madura.

³⁰ RODRIGUES, Lucinalva Ferreira da Mota. *Brincadeiras e interações na educação infantil em tempos de ensino remoto: percepções docentes*. 2021. 71f. (Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia), Curso de Especialização em Educação Contextualizada para Convivência com o Semiárido, Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, Universidade Federal de Campina Grande, Sumé – Paraíba – Brasil, 2021. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/20776>.

De acordo com os textos bíblicos analisados os objetivos da ordenança são criar identidade, inclusão, gerar participação na missão, manter viva a ação de Jesus na mente da igreja. Para as igrejas da CBB, a ceia é símbolo, memorial que gera proclamação e ações de graças. Nesse sentido, as características da ceia são refletidas nos aspectos educacionais e psicológicos do desenvolvimento da criança: curiosidade, capacidade de compreender o simbolismo e formar memórias duradoras.

A participação, curiosa e interessada da criança na ceia, tem o condão de desenvolver nela memórias coletivas geradoras de sentimentos permanentes e pessoais de amor, confiança, gratidão a Deus e uma fé crescente. Formando, assim, uma identidade cristã na criança com o evento fundador do cristianismo. Essa identidade será formada não somente por suas memórias vividas, mas também pelas memórias da comunidade da qual ela faz parte. Nesse sentido, a participação da criança na ceia não fere os princípios bíblicos ou batistas, ao contrário, reforça e aplica.

Esse artigo é, portanto, um convite para que a igreja comece a pensar se está sendo zelosa ao afastar a participação das crianças da ceia ou se está impedindo que elas se cheguem ao Mestre.

Referências

Bíblia Shedd. São Paulo: Nova Vida; Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil. 1997.

CARVALHO, Cristina; LOPES, Thamiris. O público infantil nos museus. *Educação & Realidade*, v. 41, p. 911-930, 2016.

FOWLER, James W. *Estágios de Fé*. A psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

MEIRA, Vanessa. Oração, linguagem e pensamento: o desenvolvimento da religiosidade infantil. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*. Vol. 10, n. 18, jul/dez, 2016, p. 239. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleiteo/article/view/29217/21653>. Acesso em: 12/10/2022

SOUZA, Felipe Diniz Pires de. *O Documento de Lima e a Teologia Batista em diálogo: por uma valorização da Ceia do Senhor*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2016.

SOUZA, Sócrates Oliveira de (org.). *Pacto e comunhão: documentos batistas*. Rio de Janeiro: Convicção, 2010.p.24. Disponível em: <http://www.convencaobatista.com.br/sig/modulos/site/comunicacao/uploads/documentoDownloadSite/11902061303042019113240.pdf>.

WHITE, James F. *Introdução ao culto cristão*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.